

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Entre o cortesão e o abolicionista

Paulo Wilton Xavier
paulo.wiltonxavier@hotmail.com

Em recente declaração, o senador Cid Gomes fez uma observação que merece reflexão sobre o momento político do Ceará. Segundo ele, “vinte anos normalmente é um ciclo que as pessoas têm paciência, ou não perdem a paciência de aceitar. Depois disso, votam apenas pela disposição de mudar, para ver algo novo.” A fala é uma percepção recorrente na política, a de que longos ciclos de poder, ainda que tenham produzido avanços, acabam inevitavelmente confrontados pelo desejo social de renovação.

A história do Ceará, aliás, é marcada por rupturas que ajudaram a moldar o destino do Estado. Não raras vezes, que desafiaram estruturas consolidadas para abrir novos caminhos. Basta lembrar a coragem de Dragão do Mar, que enfrentou a ordem escravocrata. Ou a liderança singular do padre Cícero Romão Batista, o Santo, cuja trajetória representou um embate direto com as oligarquias. Décadas

mais tarde, outras rupturas marcariam profundamente a vida pública do Estado, até a forma “moderna” do antigo mando oligárquico, a transição desenvolvimentista de Virgílio Távora acabou sendo questionada por uma nova geração política que prometia reorganizar o estado sob outros princípios administrativos, sob a liderança de Tasso Jereissati.

O Ceará sempre foi capaz de tomar o seu destino nas próprias mãos. O futuro exigirá ousadia dos agentes políticos. Não haverá avanço verdadeiro sem a disposição de romper *modus operandi* já cristalizados, muitas vezes incapazes de responder às demandas de um tempo que mudou. Importante ponderar que a polarização e disputas nacionais obscurecem prioridades locais. Raymundo Faoro, sábio, afirmava que só tínhamos duas escolhas na vida, o cortesão do rei e o abolicionista. O primeiro bajula o poder e empresta seu saber para preservar o arbítrio e as desigualdades. O segundo coloca sua vida, sua inteligência e sua voz a serviço da liberdade.

Acesso ao aeroporto

Edivan Batista Carvalho
edivanbatista@yahoo.com.br

O acesso ao Aeroporto Internacional Pinto Martins, pelas vias BR-116 e CE-401, apresenta deficiências estruturais e de segurança que comprometem a mobilidade urbana e prejudicam a imagem de Fortaleza perante turistas e visitantes.

O trecho nas imediações do viaduto encontra-se mal iluminado, com pavimento deteriorado, buracos, irregularidades na pista, sinalização precária, vegetação excessiva e ausência de elementos urbanos que valorizem a entrada da cidade.

Essas condições elevam significativamente o risco de acidentes e a vulnerabilidade a assaltos, além de transmitir sensação de abandono e desorganização em um dos principais corredores de acesso à capital cearense.

Trata-se de um problema que afeta não apenas a logística de deslocamento, mas também a percepção institucional e turística do município.

Entre as medidas prioritárias,

destacam-se: (i) infraestrutura, com recapeamento, correção de desnivelamentos e implantação de manutenção preventiva contínua; (ii) segurança, com reforço da iluminação pública, policiamento ostensivo e sinalização horizontal e vertical adequada; (iii) estética e funcionalidade, com poda sistemática da vegetação, pintura refletiva de meios-fios e ampliação da entrada da avenida Senador Carlos Jereissati a partir da marginal da BR-116, na altura da Aerolândia; e (iv) iluminação estratégica nas avenidas desembargador Moreira, Raul Barbosa e Carlos Jereissati, corredor fundamental de ligação ao eixo hoteleiro da Beira-Mar.

A solução demanda atuação integrada entre Prefeitura, Governo do Estado e órgãos federais, como o DNIT, assegurando padrões compatíveis com a relevância do aeroporto.

A requalificação desse acesso é essencial para garantir segurança, fluidez e acolhimento, fortalecendo a imagem de Fortaleza como destino turístico e polo econômico regional.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Coleção de ausências

Yasmim Dourado
Ex-Correspondente O POVO

Talvez, um dos meus segredos mais íntimos seja as ausências. Nada mais descreve o eu do que a pequena coleção de ausências que se carrega na palma da mão, construindo muros impermeáveis ao afeto. Ingenuidade pensar que se é capaz de habitar no particular.

No plano do haver, encontra o limbo do existencialismo, sendo o impulso e o desânimo os únicos combustíveis. Como fruto de inconsciência, deseja o não-há, e volta ao haver quando te lembram do que se trata o sentir. É tangível, percebe pela mudança de perspectiva proporcionada pelo tudo.

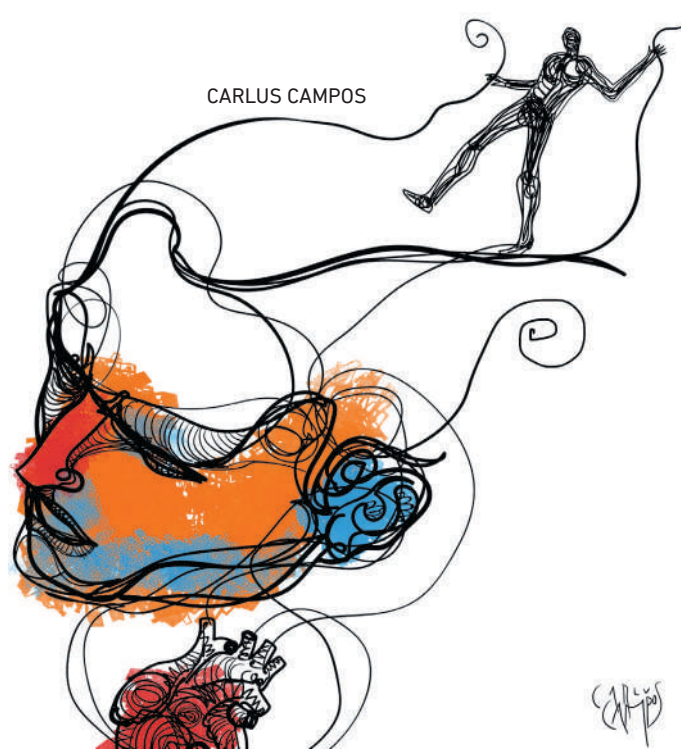
Não é impossível, não sou difícil de ler. Quando me tem nos detalhes, tem-me por inteiro. Apesar da falta ter se tornado a mais fiel das confidentes, não se consegue evitar entregar-se ao desconhecido, e tem-se a necessidade vã de sobrepor os pés no chão. De tanto fugir de abismos, sempre acabo me encontrando em um. O incômodo torna-se realidade, mas pouco me importa quando tenho comigo o ínfimo do teu afago.

O tempo sempre leva distante tudo pelo qual tenho apreço, sobretudo quem tive carinho. Simples assim, eis o pior de mim: os outros. De tão incomum que é apreciar a beleza que ameaça adentrar, desconfio da sua essência. Tenho cautela e hesitação no início, só para, então, permitir os jardineiros que reguem o meu jardim. E que haja tempo para quem o aprecie.

Como numa colcha de retalhos, preencho os espaços vazios usurpados por cada um daqueles que usaram atravessar pelo labirinto das singularidades do meu eu. Enfim, permito-me carregar as presenças na outra palma da minha mão. Afinal, o que é o viver sem ter aqueles com quem compartilhar? Descobre-se, assim, que não apenas se vive, mas há.



Nada mais descreve o eu do que a pequena coleção de ausências que se carrega na palma da mão, construindo muros impermeáveis ao afeto.



Dezessete

Amauri Holanda de Souza
Professor efetivo da Prefeitura da Municipal de Fortaleza, sociólogo e teólogo

Se Deus, em algum instante indecifrável, resolvesse me retirar desta existência, talvez eu pedisse apenas que voltasse o olhar aos dezessete anos finais da minha vida.

Não como quem reivindica, mas como quem ainda tenta entrever o seu próprio percurso histórico — sem alarde, sem pretensões de respostas prontas.

Talvez ali se esboce alguém que começou a perceber, ainda sem nitidez, aquilo que antes lhe escapava.

Alguém que, sem saber ao certo como, tenha aprendido a sustentar o sofrimento com alguma forma de esperança — imperfeita, talvez, e, silenciosa.

É possível que, nesse intervalo, eu tenha me afastado de certas margens onde o abismo

parecia mais íntimo que o chão, seguindo, entre tentativas e hesitações, na busca por distinguir o que permanece daquilo que apenas se aproxima por conveniência — por vezes sutil, por vezes deliberada.

Quem sabe esses dezessete anos não tenham sido menos sobre alcançar algo, e sim sobre o permanecer — discreto, talvez — fiel a um sonho que nunca se deixou cumprir por inteiro, por razões que nem sempre me pertenciam.

Um sonho, possivelmente ingênuo — ou, quem sabe, necessário: o de, um dia, ser amado sem devaneio, sem o contorno rígido da razão, mas por aquilo que, em mim, ainda desperta a qualquer forma de definição — mesmo na madrugada, onde dois já não se distinguem naquele entrelaço que não se explica, e talvez resida justamente nisso uma forma de profunda fascinação e aconchego.

Ser mulher no Brasil

Rachel Macedo
Professora

é aprender o idioma do sangue antes mesmo da fala o primeiro grito já nasce tingido de parto depois, o mundo ensina: que o vermelho tem dono e ele grita, empurra, marca na infância pequenos homens já sabem ferir como se herdassem a violência no nome o corpo cresce e sangra todo mês existir aqui é um ciclo aberto a primeira vez raramente é descoberta às vezes é invasão silêncio, medo engolido há sangue que não se vê mas fica na boca no gosto metálico dos assaltos, no passo apressado no olhar que calcula saídas e há o medo que muda quando o corpo é outro quando a pele é outra quando ser mulher é ainda mais alvo mais risco, mais urgência hematomas florescem em roxo e silêncio de amores que apertam de mãos que dizem cuidado, mas entregam dor até que o sangue não cabe no corpo escorre nas estatísticas mancha manchetes e vira número mas antes, foi nome, foi riso, foi história foi mulher e o país segue tentando limpar o vermelho que insiste em lembrar que viver aqui, ainda custa carne, medo e sangue.